

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



» Entrevista / ROZANA REIGOTA NAVES / REITORA DA UNB

A docente e gestora da Universidade de Brasília reflete sobre trajetória pessoal, inovação e o papel da instituição na formação das novas gerações que seguem construindo o cotidiano da capital em busca de um futuro melhor

Educação alinhada ao nosso tempo

» PAULO GONTIJO

Nascida do sonho de erguer uma capital no coração do país, Brasília sempre foi mais do que concreto e traço modernista. A cidade é feita de ideias e de pessoas que ousam colocá-las em prática. Há 66 anos, os primeiros pioneiros transformaram o Cerrado em símbolo de futuro. Hoje, esse espírito segue vivo, reinventado em salas de aula, laboratórios, pesquisas e projetos que atravessam fronteiras.

Nesse percurso, a Universidade de Brasília (UnB) ocupa um lugar central. Pensada como um projeto inovador desde a origem, a instituição acompanha, e muitas vezes antecipa, os movimentos da própria capital. Para a reitora Rozana Reigota Naves, que tem sua trajetória pessoal e profissional entrelaçada com a história da cidade, a UnB segue como espaço de formação de novos pioneiros: aqueles que, todos os dias, ajudam a redesenhar o presente e projetar o futuro. Confira, a seguir, os principais trechos da entrevista com a reitora.

Qual a importância de Brasília em sua trajetória acadêmica e profissional?

Brasília faz parte da minha própria identidade. Eu nasci aqui, venho de cidade-satélite, e construí toda a minha trajetória profissional na capital. Formei-me em Letras e fui professora da Universidade Católica de Brasília e, agora, completo 20 anos na UnB. Tenho uma gratidão muito grande pela cidade e pelas oportunidades que ela me ofereceu. Do ponto de vista acadêmico, sem dúvida, mas também político, já que estamos no centro das grandes decisões do país. Esse olhar mais politizado, que circula pela universidade e pela cidade, é constitutivo de quem somos.

O que mais marcou sua caminhada até chegar à reitoria da UnB?

Sempre fui muito ligada à vida da cidade e da universidade, com muita curiosidade sobre esse ambiente. Brasília tem uma efervescência cultural muito própria. Mesmo quando não estávamos nos grandes circuitos, havia uma movimentação importante, das bandas de rock ao cinema. E, do ponto de vista científico, a UnB sempre foi vista como um sonho para muitos jovens do Distrito Federal. Esse desejo de pertencer à universidade marca profundamente a minha trajetória.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A diversidade nos exige aprimorar processos pedagógicos e sociais, além de garantir acesso e permanência. O resultado é a formação de profissionais mais diversos, que levam para a sociedade valores como respeito, diálogo e promoção da paz"

Na sua visão, qual foi o ponto de virada em sua carreira?

Foi durante a minha primeira gravidez. Eu havia iniciado o curso de Administração na UnB, mas naquele momento decidi seguir minha vocação, que era ser professora. Optei por cursar Letras, e essa escolha orientou toda a minha trajetória a partir de 1991.

A UnB nasceu com uma proposta inovadora. Como essa vocação se mantém hoje?

A universidade está presente em diferentes territórios do Distrito Federal, com campi em Planaltina, Ceilândia e Gama, além do Darcy Ribeiro. Também estamos nos polos de extensão e em programas que vão além do DF, chegando a regiões como Acre e Bahia. A UnB segue projetando conhecimento para fora da capital, mantendo viva a ideia original de ser um polo estruturante no centro do país.

De que forma a universidade contribui para formar os novos pioneiros?

A UnB continua alinhada às demandas do nosso tempo. Estamos envolvidos em projetos internacionais, como a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, além de iniciativas como a implantação de uma UTI inteligente no Hospital Universitário. Também avançamos com supercomputadores, o curso de Inteligência Artificial, o projeto Genoma SUS e ações voltadas ao meio ambiente, como o Instituto Nacional do Cerrado. Tudo isso reforça nossa posição de vanguarda científica e tecnológica.

Qual é o papel da universidade no desenvolvimento cultural de Brasília?

A universidade sempre teve um papel importante na cultura da cidade. Muitas bandas surgiram aqui, ligadas à luta pela

democracia. Estamos retomando iniciativas como o Festival de Música (Finca), os jogos universitários e projetos nas áreas de teatro e artes. Queremos fortalecer essa UnB efervescente, onde a vida acadêmica se mistura com a cultural, a artística e a esportiva.

Como a senhora vê a universidade como parte do sonho do ensino superior hoje?

Estamos trabalhando para nos aproximar ainda mais das escolas, fortalecendo programas como o PAS, que completa 30 anos. Também ampliamos as formas de ingresso e as políticas de inclusão, como as cotas. A mensagem para a juventude é clara: continuem sonhando. A universidade está mais aberta e diversa, e é fundamental que os jovens ocupem esse espaço, especialmente em um momento no qual a defesa da educação e da democracia é tão importante.



Além de iniciativas como a implantação de uma UTI inteligente no HUB, avançamos com supercomputadores, o curso de Inteligência Artificial, o projeto Genoma SUS e ações voltadas ao meio ambiente, como o Instituto Nacional do Cerrado. Tudo isso reforça nossa posição de vanguarda científica e tecnológica"

E sobre o avanço da diversidade dentro da universidade?

Esse é um desafio que assumimos como instituição. A universidade precisa refletir a sociedade. A diversidade nos exige aprimorar processos pedagógicos e sociais, além de garantir acesso e permanência. O resultado é a formação de profissionais mais diversos, que levam para a sociedade valores como respeito, diálogo e promoção da paz.

Como a senhora se imagina daqui a 10 anos em Brasília?

Eu me imagino feliz e realizada por ter contribuído com o desenvolvimento da universidade e da cidade. A educação é a base do futuro do país, e é nesse campo que espero deixar meu legado.

E a UnB, como será daqui a 10 anos?

Imagino a universidade ainda mais projetada nacional e internacionalmente, entre as cinco mais lembradas. Mais do que rankings, queremos estar na vanguarda do conhecimento e influenciar debates fundamentais, como inteligência artificial, democracia e mudanças climáticas.

Que conselho a senhora daria às próximas gerações?

Acreditem no seu potencial e na força da juventude. É importante construir uma sociedade baseada no respeito, na solidariedade e na equidade. Esses são valores fundamentais para o futuro.

Meu encontro com Brasília

» DARLAN ROSA

O Plano é Piloto, mas o piloto é o homem

A cidade que eu sonhava ficava no espaço. Pelo menos era assim que minha cabeça de menino entendia aquelas reportagens de *O Cruzeiro*, lá pelos anos 1950, quando minha mãe lia para mim sobre plataformas espaciais e futuros improváveis. Eu nem sabia juntar letras, mas já juntava mundos. E quando ouvi no rádio, aos 10 anos, que iam construir Brasília, em forma de avião, imaginei

logo: claro, é uma daquelas plataformas. E anunciei, convicto, que iria morar lá. Afinal, seria a capital de todos os brasileiros.

Depois percebi que Brasília não nasceria no espaço, mas num planalto tão alto que, para o menino que eu era, parecia quase tocar o céu. O sonho continuava suspenso, firme, brilhando no horizonte. Eu seguia acompanhando cada notícia, cada desenho, como quem vigia o crescimento de algo que já sente seu. Até descobrir que o tal Plano Piloto tinha, sim, um "piloto" de verdade: Lucio Costa, vencedor do concurso de 1957, o homem que traçou no papel a cidade que eu imaginava fluando.

Em 1967, finalmente desembarquei na Brasília de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. A sensação era estranha e familiar ao mesmo tempo — como se eu estivesse voltando para um lugar onde já tinha vivido, mesmo sem nunca ter pisado ali antes. Fui trabalhar na

Luis Nova/Esp. CB



TV Brasília como desenhista e, sem querer, virei o "Titio Darlan" do programa Carrossel. Contava histórias, fazia brincadeiras, alegrava tardes inteiras. O programa durou quatro anos, mas eu não aguentei a popularidade. Não podia nem ir à padaria sem virar evento. Saí de fininho.

noite, no Ceub, porque o curso de arte da UnB era diurno e eu precisava trabalhar. A vida ia me moldando pelas bordas.

Em 1986, comecei a colaborar com o Unicef. Nasceu ali o Zé Gotinha. Foram 16 anos de desenhos animados, livros infantis, no Brasil e em outros países. Muitas viagens e descobertas.

Fui então para o Ministério da Educação, trabalhar na revista *Cultura*, fotografando museus e conhecendo artistas que me empurraram, sem que eu percebesse, para o caminho das artes.

Estudava jornalismo, publicidade e relações públicas à noite, em frente a prédios que viram minha arte antes de ver o dia nascer.

Em 1996, fui estudar computação gráfica na Califórnia e terminei o curso espalhando esculturas digitais pela cidade que me adotou.

De volta ao Planalto, transformei pixels em aço. A primeira obra, no Pontão do Lago Sul, foi instalada em 1999 — e hoje pedindo socorro, precisando de reparos que tento conseguir há anos. De lá para cá, são 27 anos de esculturas, 63 obras públicas espalhadas por Brasília: no Memorial JK, no CCBB, no Congresso, Itamaraty, em museus, em praças, em frente a prédios que viram minha arte antes de ver o dia nascer.

Em 2027, completo 60 anos de amor por Brasília e 80 de vida. E penso que, no fundo, aquela plataforma espacial da minha infância existia mesmo. Só que não flutua no céu — flutua dentro de mim.

Darlan Rosa é artista plástico e criador do personagem Zé Gotinha